

Rogério Luz<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> É professor universitário aposentado, poeta e artista plástico.

## Angelus Novus

A arte torna-se uma instância da não-resolução: é, justamente, o agente da idéia de que não é possível eliminar *aquilo* que aconteceu.  
Beatriz Sarlo. *Tempo Presente*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

### I.

Destroço e ninguém entre as ruínas  
para partilhar teu corpo disperso.

Do portal entre passado e presente  
foi derrubada a coluna  
e no mar afogam-se imagens –  
terra sem raiz de minérios  
ar seco para lufadas de sol.

Rostos – quem os viu?  
Alma, passageiro  
tão inconsistente que calamos.

A voz é sem voz  
a memória perdeu a memória:  
não ergues comigo  
um monumento de silêncio ao silêncio.

### II.

As coisas isoladas e nuas  
no panorama nu e isolado.

O infinito é aqui onde não és  
aqui onde não há tempo.

Passeias entre o mármore em ruínas  
e a visão de fraturas no solo  
de onde até os monstros desertaram.

Esta é a pedra sem antepassados  
a pedra isolada e nua  
que aboliu a cobertura do céu e as línguas de fogo  
a força de gerar e os líquidos benfazejos.  
Nela a herança dos homens se perdeu.

Beleza e despedaçamento tornaram-se um.

### III.

Pelo sangue de um corpo aberto  
(cirurgia depois do acidente) juras  
e tua voz não ecoa  
no catre da potestade  
pelo trono marchetado  
de metal e escaras em farrapos.

Arrasta teu manto pela rua exangue  
anuncia a futura memória abolida!

Ao pé do muro escarpado da cidade  
um pedaço de carne  
de teu hino em prantos  
ao cálice longínquo de tua boca.

Teu grito a morta voz invoca.

### IV.

A seta de tempo vinda do horizonte  
traspassa o corpo e atinge  
o coração do passado.

A reversão do arqueiro afeta  
o tempo, o modo, o aspecto do verbo vir:  
vida de homens deslustrados.

### V.

Ergues o punho contra morte  
única palavra sem referente –  
até *nada* indica em cada coisa o que lhe falta.

Ergues com o punho a palavra morte, talismã  
acima das forças pestilenciais da vida -  
odor de crueldade todo vivo exala.

Ergues a mão decepada  
contra a ferida da morte  
o forte assaltado, o soterrado, fendido muro.

Ergues contra toda sombra outra sombra no escuro.

## VI.

Deixa passar o vento  
sob o céu enevoadado que em maio antecipa o inverno.  
Goza o dia, turba de condenados,

antes que as horas se aglomerem em um ponto cruel  
de onde memória alguma verás crescer e proliferar  
e onde o prazer do pesar não ganhará guarida.

O que se afunda no mesmo lugar perdura até  
teu instante em nuvem dissolver-se  
sobre o deserto do planeta pedregoso.

O próprio canto noturno extinguiu-se faz tempo:  
um anjo abandonado paira, tonto animal,  
sobre a planura sem expectativa nem entusiasmo.

## VII.

Tempo sombrio de fogos e morticínio  
água pesada de ódio e de moedas –  
rios de lava afogam qualquer corpo.

Há os que levantam cartazes de verde e de paz  
doença e fome insolentes vão-nos  
desde o naufrágio recôndito.

Silêncio depois de canto fúnebre  
tempo sombrio que abriga um frio coração –  
e o rei sol do império  
brilha com armada invencível e arbítrio.

(Sob ruínas, o olhar cego, a menina palestina  
e o jovem judeu sonham com severidade  
muito acima de mortalhas de petróleo, lucro e armas).

## VIII.

Todo crime perdido permanece  
na matéria das coisas - no ar que se respira  
no nome esquecido, no castigo ao escravo  
no espaço formidável em cela estreita.

O que aconteceu continua presente  
e paira sobre estrela e nuvem –

talvez o corpo de um deus em dimensão aberrante  
o cortejo das feras, o caminhante andrajoso  
a ferida e o isolamento do que vai morrer:

teatro de solidão, quisera povoá-lo  
não com a amarga palavra mas com cantos de júbilo  
pelos casos de amor acima do extermínio.

## IX.

De um lado e de outra da margem obscura  
sangue retirado de negros e *chicanos*  
pavor e tédio de povos e soldados  
tornaram indigna, América, tua sobrevivência  
tornam indigna nossa própria morte.

## X.

Silêncio! - demando, exijo  
um jorro de mijo que alivia a turbulência  
de minhas nove cabeças  
vazias e furadas pelas bala da catástrofe  
futura: um muro de noites, um astro negativo  
um presumido deus altivo sob peles silenciosas.

## XI.

O edifício pintado de amarelo e carbono  
com uma escada exterior estreita  
desventra a rua deserta.  
Desmoronamento sem nenhum deus famélico  
nem fera ou monstro, só  
edifício, mau em si próprio  
pelo segredo que não consegue estampar.

Cena imóvel no sonho de um outro  
o dia claro igual à noite inóspita e  
o que sobra da alma  
depois de desastre tamanho.

Devo subir a escada  
devo ao menos lembrar-me das salas  
onde parece que vidas ausentes  
fazem da vida uma sentença condenatória?

**XII.**

Esquecer a catástrofe, todas as catástrofes  
as estrofes mutiladas, o mutismo poderoso  
cometer com delícia e minúcia  
o crime alto amplo enorme  
do esquecimento –

quem erguerá ainda a pedra da palavra  
que esmaga? Que verbo criador  
incinera corpos, fragmentos de voz  
e lembranças casuais?

Guarda de teu irmão? Se nem foste escolhido  
para escutar o tempo  
para o ofício modesto da culpa  
para entoar outra cantoria e outro nome  
para continuar a lembrar o esquecimento.

**XIII.**

Traduz o deslembado para que perdures  
em tempo de desabrigo e esfacelamento  
a palavra memória em fogo desenhada  
no olho cavo de tantas gerações falidas.

**XIV.**

Os mortos de uma guerra são esquecidos –  
o esquecimento é um duro peso na vida  
(o rio esquece da folha que o tocou na pele) –  
e mudam-se em mortos de outra guerra

deuses que apodrecem nomes sem sentido  
até que a própria guerra perca seus motivos  
e os dias tranqüilos – tão breves! –  
subam no horizonte  
como se ali pudessem permanecer para sempre.

**XV.**

Sobre o céu cinzento da tarde  
estendes tua palavra:

tens somente tua palavra

para cobrir a tristeza do céu da tarde  
somente a mortalha de verbos  
sobre o medo triste que corre para o passado  
somente o pano roxo sobre a estátua sem olhos  
somente leis sem poder  
as armas de uma voz enlutadas  
a espada de água e de sopro  
o hálito contra a fumaça dos tanques de guerra do poente.

### **Coda**

A tão divina fala  
que a treva silencia então murmura  
o que de inexprimível se apresenta:

grunhido de uma escura  
entidade que embala  
o flagelo do mundo, cegamente.

